



Educação & Sociedade

ISSN: 0101-7330

revista@cedes.unicamp.br

Centro de Estudos Educação e Sociedade
Brasil

Saavedra, Luísa; Nogueira, Conceição; Magalhães, Sara
DISCURSOS DE JOVENS ADOLESCENTES PORTUGUESES SOBRE SEXUALIDADE E AMOR:
IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL
Educação & Sociedade, vol. 31, núm. 110, enero-marzo, 2010, pp. 135-156
Centro de Estudos Educação e Sociedade
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87315813008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DISCURSOS DE JOVENS ADOLESCENTES PORTUGUESES SOBRE SEXUALIDADE E AMOR: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

LUÍSA SAAVEDRA*
CONCEIÇÃO NOGUEIRA**
SARA MAGALHÃES***

RESUMO: Os esforços para diminuir os comportamentos sexuais de risco de adolescentes e jovens têm conduzido a resultados que ficam aquém das expectativas. Algumas causas para este fracasso parecem dever-se ao seu desconhecimento sobre os mitos e crenças associados à sexualidade. Tentando ultrapassar algumas das limitações de estudos anteriores, o objectivo deste trabalho foi auscultar directamente jovens adolescentes,¹ procurando entender, de uma forma mais espontânea e profunda, as percepções e crenças associadas às relações amorosas e sexuais. Para isso, recolheram-se os seus discursos ao longo de um programa de educação sexual e usou-se a Análise Foucaudiana do Discurso como método de análise dos resultados. Estes apontam para a presença do duplo padrão sexual, embora pareça desenhar-se uma tendência para um padrão sexual singular e para a pouca importância atribuída aos comportamentos de prevenção. Conclui-se com a referência a algumas pistas para a educação sexual.

Palavras-chave: Sexualidade. Género. Duplo padrão sexual. Padrão sexual singular.

* Doutora em Psicologia da Educação e professora auxiliar da Escola de Psicologia da Universidade do Minho (Braga, Portugal). *E-mail:* luisasaavedra@sapo.pt

** Doutora em Psicologia Social e professora auxiliar da Escola de Psicologia da Universidade do Minho. *E-mail:* cnog@iep.uminho.pt

*** Doutoranda em Psicologia da Educação na Escola de Psicologia da Universidade do Minho. *E-mail:* saraisabelmagalhaes@gmail.com

DISCOURSES OF PORTUGUESE ADOLESCENTS ABOUT SEXUALITY
AND LOVE: IMPLICATIONS FOR SEXUAL EDUCATION

ABSTRACT: The efforts to lower adolescents sexual risk behaviors have led to results that did not come up to the expectations. Lack of knowledge on myths and beliefs on sexuality may be the main cause of this failure. Trying to overcome some of the limitations of previous studies, this work aimed to directly hear adolescents trying to understand, in a more spontaneous and deeply way, the perceptions and beliefs associated with love and sexual relations. To do so, the discourses of adolescents during a sexual education program were collected and analyzed through Foucauldian Discourse Analysis. Results point out the recognition of sexual double standard, although there seem to exist a tendency to consider a single sex standard and disregard the importance of prevention behaviors. We conclude with some clues about sexual education.

Key words: Sexuality. Gender. Sexual double standard. Sexual single standard.

O elevado número de casos de gravidez adolescente, bem como de infecções pelo HIV/SIDA, na população adolescente e jovem, tem constituído uma preocupação um pouco por todo o mundo, tendo mesmo levado a uma implementação cada vez mais alargada de intervenções e a um aumento considerável dos trabalhos de investigação, provenientes de diferentes áreas de conhecimento. Em termos de intervenção, Portugal não tem fugido a este movimento internacional, tendo legislado² e promovido a educação sexual nas escolas.

Dados de investigação e números oficiais apontam, contudo, para um relativo fracasso das tentativas para confinar a transmissão do HIV/SIDA e a gravidez na adolescência. Efectivamente, segundo o relatório da Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS, 2008), embora se verifiquem melhorias ao nível dos conhecimentos acerca do HIV/SIDA, especialmente nas mulheres e comparativamente com os valores indicados em 2005, estes ainda estão longe dos 95% definidos como objectivo pela *Declaration of Commitments* até 2010. Este facto torna-se mais alarmante se tivermos em conta os dados divulgados pelo Plano Nacional de Saúde 2004/2010 (ME-DGS, 2004), relativamente às faixas etárias dos 20-24 e dos 25-44 anos, com números que atingem 5.9 e 23.4, respectivamente por cada 100 mil indivíduos. Estes dados vêm reforçar a importância

de educar as faixas mais jovens da população. No que diz respeito à gravidez na adolescência, Portugal continua a apresentar números preocupantes, aparecendo, em 2005, como o segundo país da Europa dos 15 com maior taxa de gravidez adolescente. Estes números, segundo a Associação de Planeamento Familiar (2007), não são completamente conhecidos devido ao número de abortos praticados na clandestinidade.

Importa, pois, compreender o que está a falhar na forma de chegar às pessoas e que aspectos deverão ser contemplados. Para isso, é necessário, a par da investigação que tem sido conduzida nesta área, um outro tipo de estudos que permita auscultar as pessoas a quem a intervenção é dirigida. Estudos qualitativos realizados noutros países apontam a necessidade de se conhecer as crenças e discursos sócio-culturais associados à sexualidade e têm apontado o duplo padrão sexual (assimetria nos comportamentos e sentimentos de homens e mulheres) como um factor determinante a levar em consideração quando se quer trabalhar a sexualidade. Nesta ordem de ideias, a abordagem psicológica e social, a par da informação biológica e médica, é crucial para que os objectivos das campanhas e programas de educação para a saúde atinjam os alvos a que se propõem.

Com estes pressupostos por base, o principal objectivo deste trabalho foi estudar qualitativamente as percepções, mitos e crenças de jovens adolescentes de ambos os sexos acerca das relações amorosas e sexuais, procurando avaliar em que medida existiam conflitos e contradições nas formas de “falar” das suas atitudes e comportamentos e das dos outros.

Começaremos por analisar o conceito de *script* sexual, bem como os vários padrões sexuais definidos ao longo de diversos estudos. Neste âmbito, serão ainda apresentadas algumas diferenças entre adolescentes e jovens no que concerne à iniciação sexual e à estabilidade/instabilidade das relações íntimas. Finalmente, são apresentados e analisados dados qualitativos relativos às percepções, crenças e representações de jovens adolescentes de ambos os sexos sobre a vida sexual e amorosa, através de discursos que foram recolhidos durante um programa de educação sexual realizado com vários grupos de alunos e alunas no ano de 2007, na região Norte de Portugal.

Scripts sexuais e padrões sexuais

A forma de encarar as relações sexuais mudou consideravelmente nas últimas décadas, sendo cada vez maior a tendência para se aceitar as

relações sexuais antes do casamento. Esta tendência tem variado com as épocas e os países, evidenciando-se assim o carácter essencialmente histórico, social e cultural das atitudes e comportamentos face à sexualidade (e.g. Reiss, 2001; Crawford & Popp, 2003).

Estas alterações sociais motivaram o interesse da investigação nesta área por parte das ciências sociais, tendo Ira Reiss (1960) criado o conceito de Duplo Padrão Sexual na sequência de várias investigações sobre o modelo de padrões sexuais. Este conceito significaria, então, um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados segundo o sexo, sendo que aos homens seria concedida uma maior liberdade sexual. Na verdade, a autora identificou quatro tipos de padrões sexuais: abstinência, duplo padrão, permissividade sem afecto e permissividade com afecto. No entanto, apenas o duplo padrão estipula um comportamento diferenciado para homens e mulheres e todos os outros poderiam ser considerados padrões sexuais singulares, pois postulam comportamentos sexuais idênticos para ambos os sexos.

Todavia, tanto o conceito de duplo padrão sexual como de padrão sexual singular inserem-se na teoria dos *scripts* sexuais (Gagnon, 1977; Simon & Gagnon, 1986), pois explicam como o comportamento sexual se transforma em conduta sexual através dos três níveis que os *scripts* assumem: cenários culturais, *scripts* intrapsíquicos e interpessoais. Os primeiros são padrões colectivos que determinam objectivos, objectos e relações sexuais apropriados. São guias históricos e culturais que definem *quem* é sexualmente adequado, definindo ainda um *como*, *quando*, *onde* e *por quê*. Os *scripts* intrapsíquicos assumem a forma de desejos e fantasias, mas, embora adoptem a forma de um mundo interior, não entram em contradição com os cenários culturais, antes, são moldados por eles. Os *scripts* interpessoais definem a forma de interagir nas situações sexuais e resultam de uma combinação dos outros dois *scripts* e das expectativas do parceiro ou parceira.

Contudo, os resultados das investigações realizadas nos últimos anos são controversos no que concerne à presença do duplo padrão sexual (Alferes, 1997; Milhausen & Herold, 1999, 2001), defendendo parte dos investigadores a convergência dos comportamentos sexuais entre homens e mulheres em direcção a um padrão sexual singular, que pressupõe a existência de uma igualdade sexual. Outros investigadores insinuam, contudo, que o duplo padrão sexual está ainda fortemente implantado nas nossas sociedades ocidentais (Gentry & College, 1998;

Crawford & Popp, 2003). Por outro lado, há ainda quem considere a emergência de um novo *script* sexual que consiste num padrão sexual invertido, que se caracterizaria pela menor permissividade em relação aos comportamentos sexuais praticados pelos homens. Milhausen e Herold (1999) verificaram que a maioria das participantes indicaram que desencorajariam mais depressa uma melhor amiga a sair com um homem que tivesse tido cerca de dez parceiros sexuais, do que um melhor amigo que estivesse nas mesmas circunstâncias.

No que diz respeito aos adolescentes e jovens, também em Portugal é cada vez mais frequente verificar-se uma iniciação precoce de práticas sexuais (Alferes, 1997; Vasconcelos, 1998; Lopes, 2004; Taquette, Vilhena & Paula, 2004; Matos & Gaspar, 2005). Este facto aumenta não só o tempo de prática sexual activa e frequente, como exponencia o número de parceiros sexuais por pessoa, aumentando consequentemente a exposição pessoal ao risco. Se, por um lado, os elementos do sexo feminino se dizem virgens até mais tarde, os rapazes afirmam iniciar a sua vida sexual no começo da adolescência e ter mais parceiras do que elas (Alferes, 1997; Vasconcelos, 1998; Matos & Gaspar, 2005), confirmando assim a presença do duplo padrão sexual. Na mesma linha de ideias, um estudo comparativo de vários países da Europa referia que 30,2% dos rapazes portugueses e 20,3% das raparigas se afirmavam como sexualmente activos aos 15 anos de idade (Avery & Lazdane, 2008).

No que diz respeito à estabilidade das relações sexuais, é possível comprovar um maior número de relações dos rapazes (em média mais de três parceiros sexuais) do que nas adolescentes da mesma faixa etária, que apresentam uma média de um parceiro (Monteiro & Vasconcelos-Raposo, 2005). Tal como acontece noutros estudos europeus, os resultados para Portugal também indiciam uma assimetria entre os sexos quanto à actividade sexual (início e número de parceiros), sendo o país onde mais se verifica esta diferença (Ross, Godeau & Dias, 2004).

Estes resultados vêm, mais uma vez, chamar a atenção para as desigualdades existentes na sociedade portuguesa, valorizando-se o aspecto romântico e de envolvimento amoroso por parte das raparigas e uma maior liberdade para os rapazes, valorizando-se socialmente a quantidade de relações estabelecidas.

Esta tipologia de discursos socialmente construída tem vindo a reforçar/legitimar os comportamentos dos adolescentes e jovens de ambos

os sexos e a literatura tem acentuado a necessidade de se entender profundamente este discursos, a fim de se poder diminuir eficazmente o número de grávidas adolescentes e o número de infecções por HIV/SIDA, nas adolescentes e jovens (Lopes, 2004; Saavedra et al., 2007).

Método

Participantes

Participaram neste estudo 90 jovens adolescentes (34 rapazes e 56 raparigas), entre os 15 e os 19 anos ($M = 17.07$; $D.P. = 0.89$), provenientes da região Norte de Portugal, a frequentar o 9º, 11º e 12º anos de escolaridade.

Procedimento

Os dados que aqui se apresentam foram recolhidos durante a primeira sessão de um programa de educação sexual em grupo (oito a doze elementos), constituído por quatro sessões de uma hora, que tinha como principal objectivo promover a reflexão sobre a influência do género no comportamento sexual e relações amorosas.

No início da primeira sessão e imediatamente após uma breve exposição dos objectivos do programa, mas antes da introdução de qualquer actividade, cada grupo foi subdividido em função do sexo, constituindo-se, assim, um subgrupo de rapazes e outro de raparigas. A cada subgrupo era pedido que se pronunciasse sobre as suas percepções acerca das vivências da sexualidade e relações amorosas do seu próprio sexo de pertença e do outro sexo. O objectivo deste pedido era o de entender em que medida as raparigas (ou os rapazes) percepcionariam coincidências entre a sua sexualidade/relações amorosas e a dos rapazes (ou das raparigas) ou, pelo contrário, estariam mais sensíveis à diversidade de experiências e sentimentos.

O pedido foi formulado de maneira bastante ampla, de modo a não induzir as respostas. Dessa forma, a iniciativa de referir diferenças ou semelhanças entre a sexualidade dos dois sexos, bem como falar sobre a prevenção de DST ou da primeira experiência sexual, ou mesmo centrar os discursos na vida amorosa ou na sexualidade, emergiu espontaneamente nos subgrupos.

Foram ainda incentivados a eleger um elemento do subgrupo que registasse por escrito, numa folha de papel, todas as respostas ocorridas no subgrupo, de forma a manter a variabilidade (Potter & Wheterell, 1987). Estes registos (textos) escritos constituíram o material para a análise do discurso que seguidamente se apresenta.

Dessa forma, obtiveram-se as seguintes produções: raparigas a “falarem” sobre a sexualidade das raparigas; raparigas a “falarem” sobre a sexualidade dos rapazes; rapazes a “falarem” sobre a sexualidade dos rapazes; rapazes a “falarem” sobre a sexualidade das raparigas.

Método de análise

A Análise Foucaudiana do Discurso serviu de base ao estudo dos textos, permitindo identificar os significados atribuídos à sexualidade por rapazes e raparigas.

Neste trabalho seguimos a orientação inspirada em Parker (1999) e que Carla Willig (2003) designa por Análise Foucaudiana do Discurso devido à influência determinante dos trabalhos de Foucault, essencialmente sobre as relações entre poder e conhecimento. Ao contrário de outras abordagens, que se preocupam essencialmente com uma micro-análise, aqui se recorre preferencialmente a uma macro-análise, ou seja, existe uma procura de padrões dentro de contextos mais amplos, associados a questões sociais ou culturais.

Depois de uma leitura detalhada e profunda do material de análise, foram identificadas diferentes formas de construir a sexualidade, as relações amorosas e as complementaridades e contradições existentes entre os vários discursos. Os excertos apresentados para ilustrar cada um dos discursos são frases integrais ou fragmentos de frases seleccionadas a partir do todo o material produzido, colocando-se à sua frente se foi proferido por uma rapariga ou por um rapaz.

Os discursos foram ainda analisados relativamente à sua função ou às práticas a que conduzem, bem como à forma como condicionam diferentes posições subjectivas, experiências e sentimentos particulares.

Resultados

A análise das frases construídas por cada subgrupo de rapazes e por cada subgrupo de raparigas levou à identificação de três discursos

que designamos por: (1) mantendo a “tradição”; (2) à procura de mudança? e (3) equacionado o sexo (in)seguro.

Mantendo a “tradição”

Incentivados/as a falar sobre a sexualidade e vida amorosa, o discurso mais frequentemente produzido tanto por rapazes como por raparigas centrou-se nos motivos que levam uns e outros a procurarem um envolvimento sexual e/ou amoroso e o que é permitido a ambos os sexos. Espontaneamente, os discursos eram precedidos de “para os rapazes”, ou “os rapazes....” e “as raparigas”. Em alguns grupos, a folha de registo foi automaticamente dividida em duas partes e encabeçada pelo título “rapazes/raparigas”. Noutros casos, metade da folha foi dividida por sexo e a outra metade foi reservada para os aspectos comuns a ambos.

A sexualidade dos rapazes é....

A sexualidade masculina é essencialmente construída em torno da experiência e o prazer físico, no pólo oposto, em torno do medo. Voltamos a reiterar que o material aqui apresentado é o recurso discursivo que ambos os sexos invocam para se referir à sexualidade dos rapazes.

O discurso da experiência salienta, em primeiro lugar, a ideia de que um rapaz só se torna homem quando perde a virgindade; de que um homem sente pressão social para ser sexualmente experiente e que deve fazer “alarde” dessa experiência perante os seus pares.

“Culturalmente bem aceite que eles tenham mais experiência e mais parceiras” (rapariga);

“Sente mais pressão pela sociedade, pois o homem deve ser experiente” (rapariga);

“Expressam mais facilmente os seus conhecimentos sexuais” (rapaz);

“Acham que não têm dúvidas, isso é sinal de fraqueza” (rapaz);

“É importante dar uma boa imagem, tipo sem dúvidas, pois estas são sinal de inexperiência” (rapaz).

Do mesmo modo, a traição aparece neste discurso como a expressão de um comportamento viril, do sexo pelo prazer, acentuando-se que

este comportamento é socialmente desejável. É, em certa medida, a confirmação de que não existe envolvimento afectivo (quando está subjacente um compromisso, pois a traição subentende um compromisso) e de que a sexualidade se apresenta como um impulso a que não se pode fugir: “A traição pelos homens é socialmente bem aceite, valorizando a sua virilidade” (rapariga).

A vida amorosa dos rapazes aparece, assim, exclusivamente construída (e reduzida) à sexualidade vivenciada em torno do prazer físico e exclusão dos sentimentos. É um recurso discursivo usado por ambos os sexos para falar sobre a sexualidade dos rapazes, como se pode verificar pelas ilustrações seguintes:

“Sexo ligado ao prazer carnal” (rapaz);

“Também são românticos e idealistas, mas são mais práticos” (rapaz);

“O acto sexual é a concretização do acto de prazer, quase sempre sem qualquer sentimento pela parceira” (rapaz);

“É uma experiência mais física que emocional, embora também possa sentir algo pela parceira” (rapaz);

“Em geral desprezam a parte emocional” (rapariga);

“Não idealizam a primeira vez como as mulheres” (rapariga);

“Os homens, em geral, afirmam ter medo do casamento, porque para tal é necessário um grande sentido de responsabilidade, é necessário estabelecer prioridades” (rapariga).

Como a construção da sexualidade masculina se centra na potência e performance sexual, acarreta consigo a dimensão oposta, ou seja, o medo da impotência sexual e de ser mal avaliado pelas raparigas.

“[O rapaz] enfrenta o receio de ficar mal perante uma rapariga” (rapariga);

“Dão muito valor ao seu desempenho sexual” (rapariga);

“O homem tem muitos complexos em relação ao que a mulher pode achar do pénis” (rapaz);

“O homem tem insegurança se dá ou não prazer à mulher” (rapaz).

Esta forma de falar sobre a sexualidade, que representa a sua dimensão privada, entra claramente em conflito com o discurso da experiência e

do prazer, que personifica a imagem pública da sexualidade masculina. É na intimidade que os rapazes se sentem ameaçados, são as raparigas que podem por em causa a dimensão pública que a todo o custo procuram manter. Mas, mesmo neste domínio, o que fala mais alto é ainda a vida amorosa submetida exclusivamente à sua expressão física.

A sexualidade das raparigas é...

Em primeiro lugar, é possível identificar que a sexualidade feminina é ainda algo que provoca vergonha e receio. As raparigas sentem dificuldade em abordar a sexualidade perante as colegas, o que vem reforçar a ideia, presente na literatura, de que os rapazes “usam” em certa medida a vida sexual para impressionar os seus pares, enquanto para as raparigas e mulheres esta exteriorização da sexualidade é uma recurso pouco usado e que deixa algum mal-estar. No entanto, as raparigas, mais do que os rapazes, procuram adquirir mais conhecimentos e possuem informações mais detalhadas, apesar do interesse na temática ser considerado como algo socialmente desadequado: “[A rapariga] Encara a sexualidade com uma certa vergonha e receio” (rapariga).

É igualmente desejável e esperado socialmente que a rapariga não tenha experiência e seja virgem até o mais tarde possível, como “prova” da sua pouca experiência:

“A perda da virgindade da mulher cedo é mal vista pela sociedade” (rapariga);

“Dão muita importância à perda da virgindade” (rapaz);

“[As raparigas têm] Muitos receios sobre a sua primeira vez: se é o rapaz certo, se é o lugar certo, se é a altura certa, se vai ter dores” (rapaz);

“Socialmente bem aceite que elas tenham pouca experiência sexual e poucos parceiros” (rapariga).

Pretendendo reforçar esta ideia da manutenção da virgindade, encontra-se ainda neste discurso uma referência clara à estreita associação da sexualidade das raparigas e o romance/amor, por contraponto ao prazer nos rapazes. Nesse sentido, destaca-se que as raparigas se orientam essencialmente para as relações amorosas e sexuais, com base nos sentimentos e na cumplicidade afectiva.

“Sexo como fortalecimento/consolidação de uma relação” (rapaz);
“A relação sexual é a cumplicidade e ligação entre ambos” (rapaz);
“É um passo em frente numa relação” (rapaz);
“É a concretização do amor existente entre ambos” (rapaz);
“Importância à parte sentimental” (rapariga);
“Considera a sexualidade como um acto de entrega total numa relação” (rapariga);
“Estabelecer uma relação para além do sexo” (rapariga);
“Gostam de se sentir desejadas e estabelecer relações para além do sexo” (rapariga).

Nesse sentido, para a mulher, o sexo é encarado no âmbito de um discurso romântico, ou seja, não como um fim em si mesmo, mas como um meio para alcançar um fim (“Sexo como fortalecimento/consolidação de uma relação”; “É um passo em frente numa relação”).

Em virtude desta associação, é possível constatar que uma traição é considerada nas raparigas como algo bastante reprovável, no sentido de que não só o comportamento se encontra aliado a uma ideia de permissividade e promiscuidade da rapariga, que é reprovável para ela, como entra em contradição com a ideia de sexo por amor e da defensável pouca experiência a que deve estar sujeita. A traição significa, em certa medida, entrar em terreno masculino e corresponde a um comportamento transgressor: “A traição por parte das mulheres é socialmente condenada” (rapariga).

Esta forma de abordar a sexualidade de rapazes e raparigas inscreve-se na Teoria dos *Scripts* Sexuais (Gagnon, 1977), que pode ser encarada como guiões que estipulam como, quando, onde, por quê e com quem se é sexual dentro dos contextos culturais e históricos em que nos inserimos. Estes resultados parecem evidenciar que, apesar de todas as mudanças nas práticas sexuais e da aparente “revolução sexual”, o duplo padrão sexual continua vigente, reforçando as claras assimetrias de poder nas práticas sexuais (Amâncio & Oliveira, 2006).

À procura da mudança?

Paralelamente ao discurso que afirma a manutenção dos estereótipos nas práticas sexuais, circula outro que enfatiza uma aproximação na

construção tanto da sexualidade feminina como da masculina e que se encontra presente nas frases “cada vez mais” e “os homens tendem a ser”. Embora se verifique alguma oposição discursiva, é recorrente a tentativa de reformulação do discurso, tanto por rapazes como por raparigas. Ambos têm a necessidade de referir que *nem todos* ou *nem sempre* são assim.

No que diz respeito às raparigas, esse discurso salienta que estas, progressivamente, tendem a assemelhar-se ao que é ou era o estereótipo masculino, aproximando-se assim de um padrão sexual singular.

“Cada vez mais a primeira experiência sexual tem menos significado [para a rapariga]” (rapariga);

“[a rapariga] Dá menos importância ao facto de ser ‘falada’” (rapariga);

“[a rapariga] Cada vez tem menos pressa em começar um relacionamento sério” (rapariga);

“A sensualidade feminina está mais acentuada” (rapariga);

“[as raparigas] São mais ‘taradas’, ‘atiradiças’, em relação ao antigamente” (rapaz).

Em contrapartida, os rapazes afastam-se progressivamente do estereótipo designado de “machão”, indicando igualmente uma tendência para o padrão sexual singular:

“Cada vez há menos pressão para o homem se encaixar no estereótipo de machão” (rapaz);

“Os homens tendem a ser cada vez mais sensíveis” (rapaz);

“Mais românticos” (rapaz);

“[os rapazes] Querem manter uma relação por mais tempo” (rapaz).

De realçar que, neste discurso (à exceção do excerto “[as raparigas] São mais ‘taradas’, ‘atiradiças’, em relação ao antigamente”, que é proferido por um rapaz), cada sexo fala sobre si próprio. Este tipo de discurso parece querer justificar socialmente as atitudes e comportamentos do sexo a que cada um pertence. Esta aproximação das atitudes e comportamentos de ambos os sexos tende a romper com o *script* do duplo padrão sexual e a defender um padrão singular liberal, entrando em contradição com o discurso anterior.

Esta tentativa leva-nos a uma dupla constatação: em primeiro lugar, cada sexo reconhece o *script* sexual que lhe é atribuído, legitima-o na prática, mas não o aprova; em segundo lugar, cada sexo quer desprender-se desse *script* sexual, movendo-se em direcção do comportamento alocado ao sexo oposto, de forma a contrastar e “normalizar” comportamentos. Esta passagem de um duplo padrão sexual para um padrão sexual singular leva-nos a considerar estarmos perante um discurso emancipador e a caminho da igualdade nas práticas. Mas será efectivamente este o caso?

Por um lado, pode estar implícito o que consideram ser “politicamente correcto”, pois encontra-se bastante difundida a ideia de que cada vez mais as mulheres têm maior liberdade sexual e podem usufruir do mesmo grau de liberdade sexual que os rapazes/homens (Milnes, 2004). Contudo, este discurso de liberdade sexual encerra em si algumas dificuldades. Será que as jovens e adolescentes têm efectivamente o mesmo grau de liberdade sexual que os seus pares? Serão as implicações para essas adolescentes e jovens, que aderem ao “sexo casual”, as mesmas do que para os rapazes? Para Milnes (2004), a resposta é “não”, pois constatou-se que a narrativa da igualdade sexual conduziu algumas adolescentes e jovens, que se envolveram com múltiplos parceiros sexuais, a sentirem que foram manipuladas ou usadas, em vez de promoverem sentimentos de *empowerment* ou de emancipação sexual. Os discursos da igualdade sexual, aparentemente implícitos num padrão sexual singular, embora possam afigurar-se como um desafio aos discursos românticos, podem levar a uma condenação do direito de encontrarem o amor, a intimidade e o compromisso com os seus parceiros. Milnes (2004) conclui que estas adolescentes e jovens dificilmente se conseguem envolver em relações casuais do mesmo modo que os homens e parecem sentir-se obrigadas a escolher entre o romance e a igualdade sexual.

Os discursos usados por estes e estas jovens adolescentes podem também significar, duma forma mais positiva, uma procura (ainda mal definida) de uma nova maneira de estar na vida sexual e amorosa para ambos os sexos, ou até a mera expressão de um desejo de mudança.

Equacionado o sexo (in)seguro

O discurso que enfatiza o sexo seguro encontra-se disponível nos meios de informação e nas escolas, quer através dos conteúdos curriculares, quer de campanhas de prevenção e programas, mais ou menos

organizados, de educação sexual. Assim, este discurso parece surgir como resultado da informação a que os/as adolescentes e jovens são expostos. De cariz mais médico, a informação disponível no âmbito da sexualidade centra-se e origina um discurso centrado na prevenção da gravidez (preferencialmente) e de doenças sexualmente transmissíveis. É de salientar que, no entanto, apesar de ser um discurso que circula, muitos não o transpõem para a sua vida pessoal.

“Alguns [rapazes] não se importam com os cuidados necessários durante as relações sexuais” (rapariga);

“[As raparigas] têm mais cuidados quando têm relações sexuais, pois têm medo de contrair alguma doença ou ficarem grávidas” (rapariga);

“[A rapariga] É mais responsável, nos métodos contraceptivos” (rapariga);

“Os rapazes pensam logo em avançar na relação (sexo) sem antes terem a devida informação (métodos contraceptivos, doenças)” (rapariga);

“Quando a noite de sexo corre mal e uma rapariga engravida, alguns rapazes simplesmente não querem assumir responsabilidades” (rapariga);

“As raparigas têm mais meios contraceptivos do que os rapazes, assim para não engravidarem” (rapaz).

Em primeiro lugar, este é um recurso discursivo quase exclusivo das raparigas, centrando-se sobretudo no evitamento da gravidez, deixando as doenças sexualmente transmissíveis (DST), como o HIV/SIDA, num lugar de menor importância: só duas raparigas fazem referência a doenças e o HIV/SIDA nunca é citado. Ao mesmo tempo, “preservativo” é uma palavra ausente deste discurso, preferindo-se o termo “método contraceptivo”, que não especifica um método concreto. Acima de tudo, este discurso vem salientar que as raparigas se situam num lugar de maior fragilidade (pois são elas que engravidam) e, ao mesmo tempo, de maior responsabilidade, pois sabem que podem estar numa relação casual e fortuita.

Por outro lado, como já dissemos anteriormente, é um discurso quase ausente face à quantidade de outros discursos, mostrando que tanto rapazes como raparigas, quando pensam na sua vida sexual e amorosa, pouco significado atribuem à prevenção, seja da gravidez ou de DST. Parece ser difícil, mesmo para adultos, equacionar o amor e/ou o prazer com a atitude racional que implica pensar, ao mesmo tempo, na prevenção. Na verdade, dificilmente os encontros sexuais são regulados por planos

de acção racionais e intencionais. Não é assim surpreendente que o discurso da prevenção – tão difundido na informação/educação transmitida na escola e nos meios de comunicação social – se encontre numa “rede” de contradição com outros recursos discursivos aqui identificados, tais como o amor romântico e a defesa da fidelidade associados ao feminino e até mesmo com a procura do prazer físico mais relacionado com a sexualidade masculina. Nesse sentido, Crawford e Popp (2003) fazem referência a uma série de estudos que demonstram que as raparigas que tomam a iniciativa sexual e sugerem usar um preservativo são avaliadas negativamente, sendo consideradas *demasiado fáceis* e/ou habituadas a comportamentos de sexo casual. Assim, muitas vezes, as mulheres podem ter de escolher entre o risco, o sexo não protegido ou os julgamentos negativos relativamente ao seu comportamento. Na mesma ordem de ideias está patente, neste estudo, como a infidelidade praticada por uma rapariga é encarada como uma transgressão, pondo em causa a sua imagem de pureza e de desejável pouca experiência.

Por outro lado, a defesa do uso do preservativo e a proeminência desse discurso estariam em consonância com o discurso da mudança que acentua a maior liberdade sexual para o sexo feminino. O facto de ser um discurso a que muito poucos recorrem leva a pensar que está pouco associado com mudanças efectivas nas suas práticas sexuais e que, como tal, o discurso da mudança corresponde essencialmente ao advogar do politicamente correcto e a um eventual desejo social de mudança para o seu grupo, mas que ainda se tem medo de efectivamente praticar.

Quais são as consequências destes discursos ao nível das posições subjectivas que definem práticas, experiências e sentimentos?

A existência de um discurso marcado pelo duplo padrão sexual (ou, se quisermos, de dois discursos: um associado ao “masculino” e outro ao “feminino”) coloca rapazes e raparigas em diferentes posições subjectivas. A posição dos rapazes permite-lhes “trocar” facilmente de parceira, pois a necessidade de satisfação unicamente física não envolve o compromisso e o facto de estarem livres dos sentimentos não conduz ao compromisso. Esta crença de que o físico não compromete, e de que o compromisso reside nos sentimentos, legitima e normaliza os comportamentos masculinos, atribuindo mais e maiores responsabilidades às raparigas. Consequentemente, o lugar de onde falam as raparigas é o lugar do compromisso e da responsabilidade, seja a nível afectivo, seja a nível

da prevenção da gravidez e das DST. Estes diferentes lugares em que se encontram vai regularizar a infidelidade e a traição, para os rapazes, como algo que não só é socialmente aceite como é mesmo valorizado. Vai igualmente permitir que desvalorize o uso de preservativo, pois este é visto quase exclusivamente como meio de evitar a gravidez, sendo este um problema das raparigas.

Para as raparigas e rapazes deste estudo, a sexualidade e as relações amorosas passam essencialmente pela definição das suas motivações para a vida sexual e pela regulação social das suas escolhas, deixando claro que a sexualidade e as relações amorosas, mais do que uma questão individual, são, acima de tudo, uma questão social e cultural em íntima ligação com o género, mais do que com o sexo. Nesta ordem de ideias, um comportamento “desafiante” corresponde a uma caracterização negativa do/da jovem e é encarado como transgressor. Contudo, a transgressão é mais perigosa para as raparigas, o que está patente no facto de serem elas que mais frequentemente se referem à permissividade, mostrando, também, que são as mais pressionadas socialmente ao conformismo. Assim, no que diz respeito aos sentimentos associados à sexualidade/relações amorosas, enquanto os rapazes são guiados pelo sentimento do prazer e do medo de fracassar (no caso de falharem, a manifestação da sua performance sexual), as raparigas são guiadas pelo medo de assumir o prazer físico (“Não vivem a sexualidade com tanta intensidade”, diz uma rapariga acerca do seu grupo de pertença), vivenciando a sexualidade essencialmente como um perigo.

Discussão/conclusões

Para concluir será importante sistematizar alguns pontos-chave que emergiram ao longo deste trabalho. Em primeiro lugar, é essencial salientar que ambos os sexos reconhecem a existência de um duplo padrão sexual que regula a forma como constroem a sua sexualidade, demonstrando que a dita liberdade sexual, apesar de todas as mudanças ocorridas, continua a apresentar-se como uma utopia.

Em segundo lugar, é importante acentuar algumas contradições entre os três discursos identificados. Se é mais evidente a contradição entre o discurso “mantendo a tradição” e o discurso “à procura de mudança?”, não deixa igualmente de existir contradição entre este último e o

discurso que designamos por “equacionado o sexo (in)seguro”, pois verifica-se neste uma acentuada assimetria na responsabilidade atribuída a ambos os sexos na prevenção de comportamentos de risco, sendo esta alocada essencialmente às raparigas. Estas contradições podem apontar para uma mudança em curso, reforçadas pela manifestação de alguma resistência através de expressões que contrariam o duplo padrão sexual, em direcção a um padrão sexual singular, patentes no discurso “à procura de mudança?”. Contudo, serão precisos mais estudos a fim de clarificar em que medida estes discursos traduzem efectivamente uma resistência ou são uma mera apropriação exteriorizada de discursos que circulam nomeadamente nas telenovelas e publicidade, em que as mulheres são representadas como mais activas e sensuais e os homens mais sensíveis e afectivos (cuidando dos filhos e das tarefas domésticas). Aqui importa perceber, tal como defende Milnes (2004), que a libertação e a igualdade sexual para as mulheres implicam muito mais do que ficar condicionadas a comportamentos socialmente veiculados à sexualidade masculina, significando também que um padrão sexual singular, seja baseado no afecto ou na ausência dele, não é necessariamente sinal de igualdade sexual.

Finalmente, o “discurso do sexo (in)seguro” permite-nos questionar os modelos de transmissão de informação dos programas de educação levados a cabo e da sua própria difusão. Por um lado, apesar de todas as campanhas conduzidas pelo Ministério da Educação, a divulgação/implementação da educação sexual/educação para a saúde nas escolas portuguesas afigura-se ainda muito escassa. Por outro lado, a conceptualização e implementação destes programas têm sido feitas, na maior parte dos casos, com base em modelos sócio-cognitivos que defendem a mudança comportamental e das percepções acerca da realidade, por meio da transformação de crenças, atitudes e comportamentos. No entanto, um considerável número de estudos aponta para um desfasamento entre cognições e comportamentos, o que explica, por exemplo, que pessoas possuidoras de informação adequada sobre o HIV não pratiquem, necessariamente, sexo mais seguro (Willig, 1999).

Em contrapartida, a opção por uma abordagem construcionista social da sexualidade e da educação sexual implicaria compreender o significado associado a determinados comportamentos de adolescentes e jovens. Por exemplo, compreender, como aponta este estudo, porque os

adolescentes e jovens pensam tão pouco na prevenção, porque são as raparigas que usam mais esse discurso, e levar a que tanto uns como outras compreendam que tipo de diferenças de género estas práticas/discursos veiculam; simultaneamente, compreender em que medida tanto os rapazes como as próprias raparigas estão efectivamente capazes de aceitar mudanças na forma de vivenciar a vida sexual e amorosa, considerando positivo que as raparigas possam ter mais experiência sexual e aceitar a sexualidade como um prazer físico e os rapazes possam exprimir a afectividade e assumir um compromisso, sem que isso seja considerado transgressão pelos seus pares. Mas, para que a educação sexual seja verdadeiramente eficaz, urge fazer dela um projecto comum a todos os agentes educativos, ajudando-os a compreender a influência do género na construção da sexualidade e das relações amorosas, reflectindo sobre as suas próprias práticas educativas e sobre o modo como estas ajudam a manter ou, pelo contrário, desconstruir os discursos dominantes sobre a sexualidade (Paechter, 2006). Nesse sentido, parece ser fundamental alterar, em primeiro lugar, os discursos de todos aqueles que têm o poder de advogar, aconselhar e construir programas. Sendo assim, embora seja fundamental implementar programas sexuais para os/as adolescentes, bem como para os jovens, torna-se igualmente essencial trabalhar com os/as agentes educativos/as, senão em primeiro lugar, pelo menos em simultâneo, podendo defender-se que, antes de promover programas de educação sexual para adolescentes e jovens, deveriam ser os educadores a ter educação sexual em primeiro lugar (Nogueira, Saavedra & Costa, 2008).

Para terminar, salientaríamos que, apesar das limitações deste estudo (principalmente pelo facto de a recolha dos dados não ter sido completamente controlada pelos investigadores e podendo ter pecado pela ausência de algumas ideias proferidas nos grupos), importa salientar a necessidade de mais trabalhos qualitativos que ajudem a compreender os significados e práticas que circulam nos meios juvenis, bem como a necessidade de trabalhar a sexualidade com todos os/as agentes educativos/as, a par do trabalho efectuado com os/as adolescentes e jovens.

Recebido em janeiro de 2009 e aprovado em novembro de 2009.

Notas

1. As categorias de adolescência e juventude são de difícil definição, estando ainda em discussão. Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente, adolescentes são as pessoas entre os

12 e 18 anos incompletos e a faixa de jovem inclui pessoas entre os 15 e 29 anos, segundo a Secretaria Nacional de Juventude (UNICEF, Instituto Ayrton Senna & Fundação Itaú Social, 2007). Tendo em conta que este estudo abarca pessoas entre os 15 e 19 anos, reservamos o conceito de jovem adolescente para nos referirmos à população deste estudo. Manteremos os conceitos de adolescente e jovem quando, em termos mais latos, quisermos designar ambas as faixas etárias, ou seja, tanto os mais novos como os mais velhos.

2. Lei n. 3/84, de 24 de março de 1984.

Referências

- ALFERES, V.R. *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia da sexualidade*. 2. ed. Porto. Afrontamento, 1997.
- AMÂNCIO, L.; OLIVEIRA, J.M. Men as individuals, women as a sexed category: implications of symbolic asymmetry for feminist practice and feminist psychology. *Feminism & Psychology*, Auckland, n. 16, p. 35-43, 2006.
- AVERY, L.; LAZDANE, G. What do we know about sexual and reproductive health of adolescents in Europe? *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, Ternat, v. 13, n. 1, p. 58-70, mar. 2008.
- CRAWFORD, M.; POPP, D. Sexual double standards: a review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, Allentown, v. 40, n. 1, p. 13-36, 2003.
- GAGNON, J. *Human sexualities*. Glenview: Scott, Foresman, 1977.
- ENTRY, M.; COLLEGE, H. The sexual double standard: the influence of number of relationship and level of sexual activity on judgments of women and men. *Psychology of Women Quarterly*, Akron, n. 22, p. 505-511, 1998.
- JOINT UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS (UNAIDS). *Report on the global AIDS epidemic*. [s.l.] UNAIDS, 2008. Disponível em: <http://www.unaids.org/en/KnowledgeCentre/HIVData/GlobalReport/2008/2008_Global_report.a>. Acesso em: 8 nov. 2009.]
- LOPES, O. Crenças e atitudes como “co-factores” do HIV/SIDA. In: *HIV/AIDS Virtual Congress*, 5., 2004. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/article.php?id_comunicacao=232>. Acesso em: 19 nov. 2006.

MATOS, M.; GASPAR, T. Adolescentes portugueses: risco e protecção. In: *HIV/AIDS Virtual Congress*, 6., 2005. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/pdf/adolescentes_abstract241_comunic_272.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2007.

MILHAUSEN, R.; HEROLD, S. Does the sexual double standard still exist?: perceptions of university women. *Journal of Sex Research*, Allentown, v. 36, n. 4, p. 361-368, 1999.

MILNES, K. What lies between romance and sexual equality?: a narrative study of young women's sexual experiences. *Sexualities, Evolution & Gender*, London, v. 6, n. 2-3, p. 151-170, 2004.

MONTEIRO, M.J.; VASCONCELOS-RAPOSO, J. Compreender o comportamento sexual para melhor (re)agir. In: *HIV/AIDS Virtual Congress*, 6., 2005. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/pdf/comprender_abstract_239_comunic_271.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2007.

NOGUEIRA, C.; SAAVEDRA, L.; COSTA, C. (In)visibilidade do género na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 59-80, 2008.

PAECHTER, C. Reconceptualising the gendered body: learning and constructing masculinities and feminilities in school. *Gender and Education*, Lancaster, v. 18, n. 2, p. 121-135, 2006.

PARKER, I. Varieties of discourse and analysis. In: PARKER, I.; The Bolton Discourse Network (Org.). *Critical textwork: an introduction to varieties of discourse and analysis*. Buckingham: Open University, 1999. p. 1-13.

PORTUGAL. Lei n. 3/84, de 24 de março de 1984. Regulamenta a educação sexual e o planeamento familiar. *Diário da República Portuguesa*, Lisboa, n. 71, p. 981-983, 24 mar. 1984. I - série A.

PORTUGAL. Ministério da Saúde. Direcção Geral de Saúde. *Plano Nacional de Saúde 2004/2010: mais saúde para todos*. Lisboa, 2004. v. 2. Disponível em: <<http://www.dgsaude.minsaude.pt/pns/capa.html>>. Acesso em: 03 fev. 2008.

POTTER, J.; WHETERELL, M. *Discourse and social psychology*. London: Sage, 1987.

REISS, I.L. *Premarital sexual standards in America*. New York: Free, 1960.

REISS, I.L. *Sexual attitudes and behavior*. In: SMELSER, N.J.; BALTES, P.B. (Ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. New York: Elsevier, 2001.

ROSS, J.; GODEAU, E.; DIAS, S. Sexual health in young people: findings from the HBSC study. In: CANDANCE, C. et al. (Ed.). *Young people's health in context: Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study; international report from the 2001/2002 survey*. Copenhagen: WHO; Regional Office for Europe, 2004. p. 153-160.

SAAVEDRA L. et al. *Género, cultura e sexualidade em jovens portugueses e portuguesas: um programa de educação sexual*. In: CONGRESO Astur Galaico de Sociología, 4., 2007, Corunha, 2007. *Actas do...* Corunha, 2007. p.1-20.

SIMON, W.; GAGNON, J. Sexual scripts: permanence and change. *Archives Sexual Behavior*, Toronto, v. 15, n. 2, p. 97-119, 1986.

TAQUETTE, S.R.; VILHENA, M.; PAULA, M.C. Doenças sexualmente transmissíveis e género: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 282-290, 2004.

UNICEF; INSTITUTO AYRTON SENNA; FUNDAÇÃO ITAU SOCIAL. *Adolescentes e jovens do Brasil: participação social e política*. [s.l.] UNICEF; IAS; FIS, 2007. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10743.htm>. Acesso em: 10 nov. 2009.

VASCONCELOS, P. Práticas e discursos da conjugalidade e sexualidades dos jovens portugueses. In: CABRAL, M.; PAIS, J. (Ed.). *Jovens portugueses de hoje*. Oeiras: Celta, 1998. p. 215-305.

WILLIG, C. Discourse analysis and sex education. In: WILLIG, C. (Ed.). *Applied discourse analysis: social and psychological interventions*. Buckingham: Open University, 1999. p. 110-124.

Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor...

WILLIG, C. Discourse analysis. In: SMITH, J. (Ed.). *Qualitative psychology: a practical guide to research methods*. London: Sage, 2003. p. 159-183.